

A ideia de ciência em Karl Marx

Ricardo Luís Chaves Feijó¹

Resumo

O objetivo deste artigo é o de examinar a concepção particular de ciência em Marx. Para isso, começa-se por identificar os referenciais teóricos que mais influenciaram a gestação de suas ideias: a economia política clássica e o legado alemão. Em seguida, investiga-se o que seria a sua concepção particular de ciência, entendida como uma proposta de fundir esses dois legados. Avalia-se, em seguida, o caráter científico da contribuição marxiana, entendida como o fazer de uma ciência que se propõe positiva. Destarte, iremos examinar as razões que separam a tradição marxiana e o *mainstream* da economia atual, mostrando que a natureza peculiar de uma ciência de raízes alemãs gera dificuldades na comunicação entre uma e outra.

Palavras-chave: Karl Marx. Metodologia da ciência. Tradição alemã de ciência. Definição de ciência.

1. Introdução

Este artigo examina a concepção particular de ciência em Marx. Tal pensador, assim como os grandes cientistas, conjuga excepcional criatividade ao lado de elevado poder de síntese das tradições de pensamento que o antecederam. Ele estava particularmente inclinado a adotar o método científico da economia clássica; contudo, não poderia fazê-lo abdicando das tradições científicas e filosóficas alemãs e simplesmente passando a pensar como um britânico. O encanto que a economia política clássica de Adam Smith e David Ricardo teria exercido em Marx é bastante evidente; entretanto, o grande pensador buscou uma solução de compromisso entre o estilo alemão de ciência e o peculiar modo inglês de fazer-se ciência positiva.

É bastante complexa a ciência resultante dessa conjugação de duas bens distintas matrizes de pensamento. Na Inglaterra, onde Marx viveu boa parte

¹ Doutor e Livre-Docente em Economia. Professor Associado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, FEA-RP/USP. E-mail: ricefej@usp.br

da etapa de economista do seu trabalho, a análise social obedecia à autoridade dos filósofos iluministas do século XVIII. Smith era a grande referência para se pensar questões de economia; e Stuart Mill, o autor da moda. O modo de pensar a economia e a sociedade devia muito ao legado dos modelos de ciência newtoniano e baconiano; porém, o pensamento social conquistara certa autonomia em relação à ciência natural e, também, à filosofia, pois se praticava uma ciência social autoconfiante e autônoma em relação aos demais campos do conhecimento.

Marx, filósofo de formação, e profissionalmente atuando na imprensa panfletária da época, conquistara fama de agitador anarquista e, sem dúvida, era um dos poucos de seu grupo com boa formação intelectual e com pretensões de dotar de sólido aparato científico os protagonistas do movimento por mudanças sociais. Marx acreditou na ciência, considerando-a como forma superior e privilegiada de conhecimento. Acidentalmente, veio a interessar-se pela contribuição dos economistas britânicos, graças ao exílio em Paris – onde conheceu Friedrich Engels, que lhe apresentou a novidade. Leu, por ocasião, a resenha crítica desse autor; pôde, então, perceber a fecundidade do campo de estudos com o qual havia se deparado e, também, como formulações de conservadores estrangeiros poderiam ser modificadas de modo a servir à sua causa intelectual.

A mutação do legado da economia clássica seria comandada por essa singular junção de estilos aparentemente bem diferentes de se pensar e de se fazer ciência. Sob o comando da poderosa mente de Marx, a ciência econômica voltaria a conciliar-se com a filosofia das essências, um anacronismo para o saber britânico que se gabava de ter-se livrado do misticismo aristotélico à luz da razão propagada por Bacon. É claro que a ciência britânica nunca se desvencilhou completamente de pressupostos metafísicos nos quais toda ciência tem mesmo de se apoiar; no entanto, ela se valia de uma filosofia que primava pela clareza de conceitos, pela especulação sobre a natureza humana, pela observação acurada da história, pelo uso da lógica clássica e repúdio a contradições. A filosofia e, portanto, a ciência alemãs eram diferentes. Tinham a complexidade sólida, mas intrincada, de Kant e Hegel. Na Alemanha, não se tinha a mesma confiança no empirismo enquanto caminho da verdade científica, e Aristóteles, ao invés de ser refutado, fora revitalizado nos meandros da filosofia das categorias e do *a priori* de Kant, bem como na filosofia das tensões entre essência e aparência, de Hegel.

Acompanhando os passos de Marx e auscultando os batimentos de sua alma, percebe-se que ele caminha por esse “fio de navalha” em que tenta equilibrar uma ciência que se vê como continuação, e até como aperfeiçoamento, do que Smith e Ricardo disseram, ao mesmo tempo em que lhes censura por terem se iludido com a aparência das leis da sociedade burguesa, as quais – longe de terem validade universal e a-histórica – são, de fato, leis específicas de uma etapa da história, criadas pela ação de um peculiar sistema social de produção.

Caracterizar Marx como inteiramente novo e diferente é simples; porém, simplista. Dizer que ele rompe com o objeto da escola clássica de economia e que lhe confere novo método não é necessariamente falso; no entanto, afirmativas categóricas desse jaez encobrem subjacente tensão entre diferentes modelos de ciência e entre paradigmas filosóficos distintos e quase irreconciliáveis que permeiam a contribuição de Marx. A proposta marxiana de conciliação valera-lhe amiúde a acusação (quicá injusta) de que sua contribuição não fora verdadeiramente científica.

Afinal, Marx fez ciência ou literatura? Legou às futuras gerações ciência analítica e empírica ou filosofia social? Não devemos ter ilusões quanto à complexidade da investigação e a possibilidade de respostas totalmente conclusivas. Não se sustenta a tese, conforme se argumenta tradicionalmente, de que Marx foi incompreendido por seus colegas economistas porque estes não estavam suficientemente habilitados em filosofia para entender a metafísica marxiana. Também não é lícito contrapor a metafísica de Marx a uma visão positivista ingênua de ciência (que, hoje em dia, ninguém mais tem) e afirmar que os que não o compreendiam, ou não o aceitavam, fizeram-no por mero repúdio à entrada da metafísica na economia. Melhor do que contrapor certa metafísica com positivismo ingênuo, é fazer-se a contraposição entre diferentes metafísicas que vicejam em sistemas explicativos (científicos ou não, não importa por ora) dotados, cada qual, de uma metafísica explícita².

2 *Diferentemente dos positivistas lógicos, aqui não se entende metafísica como sendo o oposto da atitude científica, mera forma especulativa de pensamento. Estamos nos referindo ao conceito no sentido aristotélico, como descrição fundamental da realidade, de sua pressuposta estrutura básica, do sentido e finalidade da realidade como um todo. Envolve, portanto, uma ontologia (hipóteses sobre as categorias básicas do ser e de como elas se relacionam entre si) e uma cosmologia que descreve a totalidade de todos os fenômenos envolvidos. A metafísica é a parte do núcleo rígido dos paradigmas científicos que não está sujeita à testabilidade direta, mas funciona como um conjunto de premissas não testáveis que suportam a análise científica.*

É na identificação da metafísica do autor que se começa a entender a força relativa de teorias vinculadas ao ambiente competitivo pela hegemonia no interior da ciência econômica. Ideias originais, em geral, são mal compreendidas e hostilizadas no momento de seu nascimento. Mesmo os economistas *subjetivistas* conheceram resistências; mas, de algum modo, seu sistema de crenças impôs-se na corrente principal do pensamento econômico do século passado. A contribuição de Marx é ponto pacífico, não se tornou o *paradigma* da ciência econômica. Permaneceu, ao menos, como disciplina nos centros heterodoxos de propagação da economia científica. Não obstante isso, devemos reconhecer o legado de Marx como fundamental para a formação pluralista do profissional de economia.

As ideias de Marx têm sido constantemente abandonadas e amiúde retomadas em seu vigor, ou seja, nunca são definitivamente descartadas. Em algum momento, entram em descrédito, depois surgem releituras que as resuscitam. O legado de Marx continua afetando uma variedade de reflexões no campo social em suas diversas áreas de especialização: antropologia, história, geografia humana, ciências políticas, sociologia e, é claro, em economia; além de literatura e filosofia. De alguma forma, todos esses campos da ciência e da cultura estão permeados de influências de Marx. Sem dúvida, a riqueza de sua contribuição permanece; e sua obra, mesmo para os críticos, não pode deixar de ser reconhecida ao menos como uma bela obra de arte, como boa literatura. Trata-se, portanto, de precisar o sentido de sua peculiar forma de fazer ciência social, inclusive na sua dimensão estética, com o intuito de entender sua trajetória na academia dos economistas e os limites de sua análise. Para tanto, cabe investigar o que seria a ideia de ciência em Marx.

Neste artigo, indica-se um caminho para se pesquisar isso, revelam-se os principais temas a serem abordados e o manancial de fontes literárias que deve ser explorado. Cita-se, também, um conjunto de procedimentos que devem ser levados a cabo no sentido de mapear quais foram as concepções de ciências que condicionaram sua síntese particular e que levaram à sua proposta específica de ciência econômica.

Tal investigação reveste-se da maior importância no momento em que, claramente, se observa o renascimento do interesse por Marx, conforme atestam as publicações de Attali (2007), Bensaïd (1999), Desai (2003), Losurdo (1998),

Mello (2000) e Wheen (2001)³. Neste artigo, procura-se entender Marx como produto de uma confluência de dois estilos de ciência do século XIX.

Para tanto, este estudo organiza-se em dez seções: as duas primeiras examinam dois paradigmas de ciência econômica no século XIX e suas respectivas influências na pesquisa de Marx – e economia política clássica e a escola histórica alemã, procurando-se avaliar até que ponto ele absorveu ou amalgamou a perspectiva metodológica deles. Na terceira seção, investiga-se a visão marxiana de ciência em geral que se pode deduzir a partir da leitura da *Dialética da Natureza* de Engels. Agregam-se, portanto, as duas fontes de modelo de ciência marxiana com o modelo suscitado pelas ciências naturais daquele século. Na quarta seção, segue a exposição da metafísica de Marx, na qual se procura relacionar sua *ontologia* com o seu método particular de se fazer ciência. Feito isso, oferece-se uma exposição sintética de qual seria, enfim, o paradigma de ciência deixado por Marx. Depois, fazem-se algumas considerações a fim de aquilatá-lo. Primeiramente, uma nova seção examina se as crenças políticas de Marx teriam contaminado sua isenção científica. Acreditando que não, questionamos, a seguir, se a obra de Marx não seria apenas literatura. Convencido de que não é apenas isso, especula-se se haveria, de fato, clareza na exposição marxiana. A resposta é afirmativa, em que pesem dificuldades lógicas na interpretação da obra. Sendo mais que literatura e apresentando clareza, faltaria um último teste de cientificidade da obra de Marx: o seu comportamento em relação à testabilidade empírica. A contribuição de Marx também resiste a esse escrutínio. Portanto, conclui-se que, efetivamente, se trata de um trabalho científico. Conferindo-se *status* legitimamente científico ao legado de Marx, pergunta-se, à guisa de conclusão, por que, o tipo de investigação proposto

3 Attali (2007) apresenta uma interessante biografia de Marx escrita pelo economista francês mundialmente conhecido. Contém discussões metodológicas sobre Marx, com fontes inéditas. O livro de Bensäid (1999) é genial, talvez a melhor fonte para se entender o método de Marx. Não é biográfico, mas explora as conexões externas do pensamento de Marx com profunda erudição. Desai (2003) mostra a razão de Marx ser hoje mais atual do que nunca; discute a trajetória do legado de Marx ao longo da história do século XX, abordando questões fundamentais de Marx com muita clareza. Identifica, também, as origens do pensamento de Marx em muitas fontes inglesas e escocesas. Erudito, analítico e profundo no que se refere a aspectos da obra de Marx. É um economista indiano radicado na London School e reconhecida autoridade em Marx, com muitas publicações a respeito. Losurdo (1998) compara Marx com outras raízes do pensamento social, sendo muito útil na investigação de questões de método. Mello (2000), em um livro caseiro, mostra o contexto atual em que se situa a obra de Marx. Wheen (2001) é o melhor biógrafo de Marx da atualidade. Entre suas teses, há a curiosa comparação entre os estilos literários de Marx e o do escritor de ficção Charles Dickens. Trabalha com novos documentos que apareceram sobre a vida e as influências que se exerceram em Marx.

por Marx difere da que veio a prevalecer na ciência econômica dos tempos atuais? A resposta está na oposição a uma visão positivista que defende um padrão de racionalidade estreito para a prática científica. Com isso, considera-se suficientemente caracterizada a visão peculiar de ciência na tradição marxiana.

2. Influência da tradição de Smith e Ricardo e da metodologia de Mill

Marx deve muito à herança da economia política dos britânicos. Sua teoria econômica não pode ser compreendida sem situá-la como continuação de longa tradição de pensamento na Grã-Bretanha, que se consolidou no século XVIII. Uma das influências mais importantes fora a teoria da história, por meio da qual Marx fundamentou a teoria das mudanças dos modos de produção. É fato que isso também veio de Hegel, mas a fonte original, mesmo para os alemães, estava mesmo em Adam Smith. A fim de investigar a teoria da história e das formações sociais de Marx – procedimento essencial para entender a ideia de ciência social em Marx – destacamos que cabe uma leitura aprofundada da obra *A Ideologia Alemã* e das fontes secundárias a seu respeito. Além dessa obra, poucos escritos de Marx exploram o tema⁴. Evidentemente o uso que Smith e Marx fizeram da teoria da história é diferente, mas a ideia do protagonismo do proletariado, e de oferecer-se uma teoria econômica a eles veio deste manancial que, curiosamente, nasce em Smith.

A teoria da história é apenas um dos aspectos da tradição da economia política clássica que contribuiu para a formação das ideias de Marx. A ênfase em uma teoria do crescimento, a teoria do valor-trabalho, a descrição do esquema básico de acumulação de capital, os conceitos etc. vieram – todos eles – dessa mesma fonte original. Marx rompeu, entretanto, com a maneira de tratar o objeto, incorpora outra metafísica, uma visão distinta do processo social, e procura criticar a noção de leis naturais na sociedade, pensada como se a sociedade burguesa fosse um estado final e imutável.

4 *A Ideologia Alemã investiga a teoria da história e das formações sociais, visto que esta é considerada, por alguns comentadores, um importante caminho para se entender a ideia de ciência social em Marx. A obra foi um marco importante nessa fase do jovem Marx e afigura a ponte definitiva que fez Marx migrar para a economia política (DESAI, 2003, p. 69).*

Marx intuiu que poderia dotar o legado dos economistas clássicos de outra roupagem, de modo a adequar a teoria à sua causa pela emancipação do proletariado. Queria demonstrar teoricamente a necessidade de ruptura com a ordem vigente. Não pretendia oferecer apenas panfletos. Exigia bem mais de seu trabalho intelectual, e começou a trabalhar nele na década de 1850 até a publicação de *O Capital*, obra que condensou o resultado de todos os seus esforços mentais. Marx seguiu a metodologia dos economistas clássicos. Não há nada de absurdo nesta afirmação, embora ela venha a surpreender muitos marxólogos. Reforçando tal proximidade, o biógrafo Francis Wheen (2001, p. 283) afirma o seguinte sobre o uso comum do método dos clássicos por Marx:

Marx admirava a metodologia de Ricardo e de Adam Smith, objetiva e desprovida de sentimentalismos: aliás, os aspectos de *O Capital* que mais costumam ser ridicularizados hoje em dia – como a teoria do valor-trabalho – derivaram desses economistas clássicos e eram a ortodoxia vigente da época. No entanto, apesar de todas as realizações dela, Marx julgou que “a ciência burguesa da economia atingiu limites que não consegue ultrapassar”.

Wheen afirma que não apenas a metodologia “objetiva e desprovida de sentimentalismos” de Smith e Ricardo foi imitada por Marx, mas que o alemão apropriou-se de teorias que eram dos clássicos. Concordamos com essa avaliação, embora reconheçamos que tais teorias foram bastante alteradas por ele e que os clássicos não tinham uma teoria do lucro, dos ciclos etc. O mais importante a sublinharmos é que Marx observou atentamente o método de conduzir investigações econômicas que era praticado pelos clássicos, orientando-se pelas observações do maior comentador em questões de metodologia da economia que foi John Stuart Mill⁵.

De fato, suspeita-se que o método (não a metafísica) de Marx deva muito a Stuart Mill. O ensaio mais importante que explicita o método milliano – sem dúvida, o mais destacado escrito metodológico em economia científica inglesa do século XIX – foi o *Da Definição de Economia Política e do Método de Investigação Próprio a Ela*, escrito por Mill em 1836. Esse ensaio metodológico é

5 Cabe, no entanto, uma ressalva: Marx não gostava dos escritos de Mill e o considerava um “economista vulgar”. Giannetti explora a relação conturbada entre Marx e Mill: “Marx estava cômico de que ele [Mill], entre os economistas clássicos ingleses, era verdadeiramente seu rival mais temível no campo da filosofia econômica e social. De fato, era muito mal disfarçado o ciúme que Marx sentia do enorme sucesso dos *Principles de Mill*.” (GIANNETTI, 2003, p. 30)

muito conhecido, de forma que se dispensam comentários detalhados sobre o seu conteúdo⁶. A concepção do método da economia em Mill forneceu alguns elementos para a metodologia de Marx. Em ambos, a *abstração*, o raciocínio puro, exerce um papel fundamental no método. Nesse sentido, cabe mencionarmos o que o próprio Marx escrevera, no famoso posfácio da 2ª edição de *O Capital*, em uma passagem na qual afirma concordar com a avaliação metodológica de sua contribuição feita por Sieber e Block (intérpretes russos da obra):

Prof. Sieber contraria os que me arguem de metafísico, ao observar: “Do ponto de vista da teoria propriamente dita, o método utilizado por Marx é o dedutivo de toda a escola inglesa e os defeitos e as virtudes dessa escola são comuns aos melhores economistas teóricos.” M. Block torna patente que meu método é analítico e diz entre outras coisas: “Com essa obra coloca-se Marx entre os mais eminentes espíritos analíticos”. (MARX, 1985, p. 13-14).

Nota-se que Marx ratifica as palavras de Sieber sobre o fato de que o seu método [de Marx] é o método dedutivo de toda escola inglesa e de que tal método seria analítico. Método analítico pode ser interpretado como sendo o mesmo método de “indução e raciocínio” apregoado por Mill. É unânime, na interpretação do método de Marx, o fato de que ele é calcado fortemente na capacidade de se fazer abstrações. Isso é muito parecido com o teor do famoso ensaio de Mill. A diretiva marxiana de afastar toda e qualquer influência que possa perturbar a análise em estado puro é assemelhada ao método milliano de desconsiderar, de início, as *causas perturbadoras*.

Verificação empírica e introspecção não eram tudo no método dos clássicos, conforme ensina uma leitura atenta do ensaio de Mill; uma vez que sublinha, sobremaneira, a importância do raciocínio. E isso, de certa forma, coincide com a ideia de abstração em Marx. A crença de que Marx não tenha, de fato, observado a metodologia clássica, tendo proposto outra metodologia muito distinta, aparece na crítica do economista austríaco Böhm-Bawerk:

Ao invés de provar sua tese pela experiência ou por seus motivos operantes – isso é empiricamente ou psicologicamente – prefere uma linha de evidência algo singular para tal objetivo – o método de uma prova puramente lógica, uma dedução dialética da verdadeira natureza da troca (BÖHM-BAWERK, 1957, p. 68).

6 O ensaio de Mill é a peça mais acabada a respeito do fundamento filosófico da economia clássica. Ele fornece um arcabouço filosófico que parecera, ao seu tempo, sustentar a economia ricardiana contra ataques de natureza metodológica.

Böhm-Bawerk assim caracteriza o método de Marx, como o método da prova puramente lógica, de dedução dialética da natureza das coisas. Há provas lógicas e dedução tanto em Marx quanto nos demais clássicos da economia. O austríaco, de fato, não aponta claramente o que separa (se é que separa) metodologicamente Marx dos economistas britânicos (além do uso somente em Marx de uma “*dedução dialética*”).

Marx acreditava que, no campo da economia científica, por meio da abstração chega-se às assunções fundamentais da teoria; mas, não é exatamente isso o que assevera Mill (1974) em sua crença no conhecimento empírico obtido por introspecção? No Prefácio da 1ª edição, Marx (1985, p. 4) advertia seus leitores de que “[...] na análise das formas econômicas, não se pode utilizar nem microscópios nem reagentes químicos”. Além disso, acrescentou que:

O físico observa os processos da natureza, quando se manifestam na forma mais característica e estão mais livres de influências perturbadoras, ou, quando possível, faz ele experimentos que asseguram a ocorrência do processo, em sua pureza. [Na pesquisa econômica,] a capacidade de abstração substitui esses meios. (MARX, 1985, p. 4).

Frisa-se, no entanto, que Marx cria que a fonte do conhecimento abstrato não adviria do esforço mental do indivíduo isolado, mas de um processo em que se combina pensamento e ação social, dentro do conceito encapsulado pela palavra grega *práxis*. Outra dificuldade na avaliação do método de Marx é a separação que propõe entre método de exposição e método de pesquisa, conforme se percebe no famoso Posfácio:

É mister, sem dúvida, distinguir, formalmente, o método de exposição do método de pesquisa. A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção **a priori**. (MARX, 1985, p. 16).

Marx assevera que apenas na exposição o método dele seria *a priori*; ele descortina, ao lado disso, um método de pesquisa que se apodera da matéria em seus pormenores⁷. Como essa abstração pretensiosa se distingue do que

7 Marx caracteriza seu método de exposição de “a priori na aparência”.

faziam os demais clássicos? Marx é tão analítico como seus antecessores da economia política clássica. No entanto, sob o influxo da filosofia alemã, em especial de Hegel, o método de análise marxiano reveste-se de certas particularidades. Conforme bem aponta Schumpeter (2006, p. 363-364):

No contexto do Marx hegeliano, ação e reflexão, realidade e pensamento, tornam-se idênticos; a análise não pode, a esse nível, ser divorciada da prática; portanto, se nós chamamos isso de o pensamento analítico de Marx, devemos adicionar, ao mesmo tempo, que Marx era analítico em um sentido que difere essencialmente do habitual. Assim, seu trabalho não é analítico no sentido habitual [...]. A maior parte da obra de Marx é analítica em virtude de sua natureza lógica, pois consiste em declarações de relações entre fatos sociais.

Se Marx é tão analítico como os economistas clássicos que o antecederam, mas o é “em um sentido que difere essencialmente do habitual”, é preciso fixar o seu sentido específico de abstração. Para tanto, é necessário percorrer todo este ensaio, mas se antecipa aqui a boa explanação fornecida por um comentador:

A abstração [em Marx] é a capacidade intelectual que permite extrair de sua contextualidade determinada (de uma totalidade) um elemento, isolá-lo, examiná-lo; é um procedimento intelectual sem o qual a análise é inviável [...]. A abstração, possibilitando a análise, retira do elemento abstraído as suas determinações mais concretas, até atingir “determinações as mais simples”. (NETTO, 2011, p. 43-44).

Por fim, a despeito dessas variações metodológicas, é bastante plausível que Marx tenha, de fato, ligações fortes com a metodologia da economia política clássica que lhe é anterior. Contudo, é claro que, apesar das semelhanças no método, Marx se propõe a fazer o que os demais não o fizeram: ciência crítica ao material herdado (leia-se ciência imbricada em filosofia alemã). Partindo de uma crítica *internalista* à tradição herdada, ele usa a teoria a fim de mostrar o lado sombrio do capitalismo; com isso, intenciona municiar os que, em sua época, gostariam de derrubar esse sistema (DESAI, 2001, p. 19).

Além de semelhanças metodológicas, não se deve olvidar que o sistema teórico de Marx, em si mesmo, também segue de perto o legado teórico dos clássicos da economia política, em especial de David Ricardo. Tal tese é defendida na famosa passagem da *História da Análise Econômica*, em que seu autor afirma:

A verdade óbvia é que, na medida em que a teoria pura está em causa, Marx deve ser considerado um economista ‘clássico’ e, mais especificamente, como membro do grupo ricardiano. Ricardo é o único economista que Marx trata como um mestre. Eu suspeito que ele aprendera sua teoria de Ricardo. Muito mais importante, porém, é o fato objetivo de que Marx usou o aparato ricardiano: ele adotou o esquema conceitual de Ricardo e os problemas deste apresentaram-se a ele nas formas que Ricardo lhes tinha dado. Sem dúvida, ele transformou suas formas e ele chegou, ao final, a conclusões amplamente diferentes. Mas ele sempre fez isso partindo de Ricardo e por meio de uma crítica a ele – a crítica de Ricardo era o seu método em trabalho puramente teórico [...]. Ricardo foi o mestre de Marx, embora este tenha transformado o material teórico que encontrou, ele ainda assim trabalhara com ferramentas que encontrou e não com as ferramentas que ele criou. (SCHUMPETER, 2006, p. 368).

3. A relação de Marx com o pensamento econômico alemão do século XIX

Antes de 1848, provavelmente Marx estudou muito pouco sobre economia política. Sua formação era a de filósofo e atuava como jornalista na imprensa panfletária. A principal referência para ele era o filósofo Hegel. Marx incorporou muito da mensagem de Hegel; mas, desde o início de sua trajetória intelectual, costumava criticar um ou outro aspecto dessa filosofia e pensava em construir algo que, partindo de Hegel, permitisse importantes correções de rumo. *A Ideologia Alemã* foi um marco importante nessa fase do jovem Marx e acreditamos que esse livro tenha sido a ponte definitiva que fez Marx migrar para a economia política ocidental.

Na *Ideologia Alemã*, aparece a teoria da história de Marx. Por certo, a investigação dessa obra ajuda a desvendar a concepção de ciência econômica que Marx irá formular anos depois. Nela, ele elabora a sua teoria da história; ademais, fornece importante pista do projeto que se firmará depois de revisar criticamente a economia política clássica e lhe propor uma alternativa, sem descartá-la de modo tão radical como os *subjetivistas* fizeram na mesma época do lançamento de *O Capital* (DESAI, 2001, p. 73).

Talvez em função dessa transição tardia ao campo da economia, Marx não estivesse ciente da amplitude e da fecundidade da tradição de pensamento econômico na Alemanha. É verdade que esse país hostilizava a economia política dos ingleses. Os alemães liam e conheciam bem Adam Smith; demonizavam Ricardo como o proponente de um método abstrato-dedutivo totalmente inadequado aos “olhos” alemães. Ricardo era pouco lido; quando lido,

pouco compreendido na Alemanha. Contudo, a nação germânica oferecia, no mesmo século dos clássicos ingleses, um enorme agregado de monografias, tratados e estudos variados sobre a *Wissenschaft*. Os alemães eram adeptos de um método mais concreto e indutivo. A contribuição econômica alemã no período foi realmente importante, no entanto, Marx desconhecia esse legado:

A economia política, na Alemanha continua sendo, até hoje, uma ciência estrangeira [...]. Ela foi importada da Inglaterra e da França, como produto acabado; seus professores alemães não passavam de discípulos. A expressão teórica de uma realidade estrangeira transformava-se, em suas mãos, num amontoado de dogmas, que eles interpretavam, ou melhor, cujo sentido deformavam, de acordo com o mundo circunstante, pequeno-burguês. Para dissimular a sensação de impotência científica, impossível de suprimir de todo, e a consciência perturbada por não dominar realmente a matéria que tinham de ensinar, ostentavam erudição histórica e literária ou misturavam à economia outros assuntos tomados de empréstimo às chamadas ciências cameralistas, administrativas, produzindo uma mixórdia de conhecimentos, purgatório por que tem de passar o desesperado candidato ao serviço público alemão. (MARX, 1985, p. 10).

Em se tratando de economia política clássica, de fato, os pensadores alemães não se interessavam muito por ela e havia pouquíssimos autores alemães que se destacaram naquela tradição. Marx, porém, não se deteve na avançada economia concreto-indutiva dos alemães e praticamente desconsiderou o método dela. Curiosamente, no entanto, Marx mantém algo típico do trabalho dos alemães em economia científica: a relevância que costumavam dar a fatos históricos. Mas a maneira como ele inseriu informações e análises históricas em sua teoria foi muito particular, e seria depois elogiada por Schumpeter em pleno século XX:

A mistura de Marx é química: em outras palavras, ele inseriu os dados históricos na própria argumentação de onde faz derivar suas conclusões. Foi o primeiro grande economista a reconhecer e ensinar sistematicamente como a teoria econômica pode ser convertida em análise histórica e como a exposição histórica pode ser convertida em história racional. (SCHUMPETER, 2003, p. 44).

Schumpeter (2006, p. 369), economista austríaco, reconhece que, embora Marx confira importância a dados históricos em sua análise econômica, o método dele “não é o histórico”. O que caracteriza o trabalho de Marx, portanto, é a “teorização das etapas históricas”, a visão evolucionária da economia (p. 426). No entanto, tal postura “não se confunde com o historicismo”

(p. 775). Schumpeter considera que Marx foi, de fato, o primeiro economista genuinamente evolucionista⁸.

4 Modelo de ciência na obra *Dialética da Natureza*

Para uma investigação sobre a ideia de ciência em Marx, uma obra vale à pena ser examinada atentamente *A Dialética da Natureza* de Engels. Marx conhecia bem estes manuscritos e concordava inteiramente com sua visão da história da ciência. Suspeita-se apenas se ele aderira completamente à ideia de transposição do modelo dialético para a natureza. Conforme J. B. S. Haldane, que escreve no Prólogo do livro, “[...] a maior parte do manuscrito parece ter sido elaborada entre 1872 e 1882” (ENGELS, 1979, p. 8); portanto, nos últimos anos de vida de Marx. Sabemos que Marx não só leu a obra como contribuiu sugerindo algumas citações no corpo dela. Apesar de o livro não ter sido escrito por Marx (excetuando-se algumas citações que aparecem nele), este conhecia bem os manuscritos de Engels, e concordava inteiramente com essa visão da ciência natural⁹.

A leitura dessa obra ajuda a desvendar a visão de Marx sobre as ciências em geral e fornece pistas de sua concepção da ciência econômica com base em sua avaliação das ciências naturais, a qual poderia afetar o modo como pensava acerca da ciência social e da economia científica. Marx não confundia os métodos empregados pelos dois grandes campos científicos, mas acreditava que, em muitos aspectos, a ciência deveria seguir um método universal. *A Dialética da Natureza* mostra o quanto Marx estava familiarizado com os avanços da ciência da época. Engels, enquanto escrevia o livro, o tempo todo trocou ideias com Marx. Pode-se inferir, a partir da leitura da obra, o grau de conhecimento de Marx sobre os grandes cientistas das ciências naturais e talvez como ele pensava metodologicamente sobre a contribuição deles. Pode-se avaliar, com essa leitura, o quanto ele conhecia das maiores descobertas das ciências naturais até sua época, ciências pelas quais nutria grande admiração. Ele evocou a autoridade de todas essas ciências a fim de garantir apoio e

8 Sobre a definição de historicismo, ver Schumpeter, 2006.

9 Engels e Marx trocaram cartas sobre *A Dialética da Natureza*. Além disso, Marx participou diretamente na escolha de algumas citações contidas no livro: “O manuscrito [*A Dialética da Natureza*] compreende quatro volumes (embrulhos), todos com a letra de Engels, salvo certo número de citações de filósofos gregos, transcritas por Marx”, segundo J. B. S. Haldane, no Prólogo da obra (ENGELS, 1979, p. 8).

unanimidade à sua própria contribuição em economia científica. Obviamente, no campo social, que ele transitava, não poderia empregar a mesma ideia de ciência, teria de fazer uma adaptação e substituir métodos empíricos tradicionais das ciências naturais por algo equivalente na investigação social. Foi isso o que Marx procurou fazer e que explica, em parte, a especificidade de sua maneira de pensar a ciência econômica.

5. A metafísica de Marx e suas implicações para sua visão de ciência

Sem dúvida, é a recorrência aos próprios textos de Marx que propicia o material indispensável e adequado para o conhecimento da sua visão de ciência. Comentamos anteriormente que o método de Marx é *abstrato*, mas o é em um sentido muito peculiar. Também frisamos que a ontologia marxiana difere substancialmente dos demais grandes economistas clássicos do século XIX. Vejamos, então, no que consiste essa ontologia.

Marx fia-se no jogo entre essência e aparência em oposição a uma abordagem positivista da ciência. Não há nada de anticientífico nisso, mas claramente viceja aí uma metafísica. Em diversas passagens, Marx explicitou seu vínculo com a metafísica aristotélica da essência e da aparência: “Toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas” (MARX, 1985, p. 939). Além disso, todas as ciências “[...], exceto a economia política, reconhecem que as coisas apresentam uma aparência oposta à sua essência. [...] O economista burguês [é aquele] cujo cérebro limitado não sabe distinguir entre a forma aparente e o que nela se oculta (MARX, 1985, p. 620- 662).

Vejamos um pouco mais da metafísica de Marx. Certamente a sua origem está em Hegel. Marx crê em duas ordens de realidade. A realidade da matéria, do mundo físico e orgânico, e as realidades que são construídas na contextura social, na ligação que as pessoas estabelecem entre elas para viver em sociedade. Em especial, algumas dessas realidades de contextura são criadas pelo modo de produção capitalista. Muitos dos conceitos com que Marx trabalha ele acredita que não são criações da mente individual; são realidades conceituais criadas pela combinação de pensamento e ação das pessoas envolvidas na malha social (ideia de *práxis*). Como tal, estes conceitos – exemplificando,

o valor – não representam abstrações puras do pensamento, mas “concretos de pensamento”, conceitos reais e não subjetivos (TEIXEIRA, 2000, p. 101).

Conhecimento teórico é o conhecimento do objeto. O objeto da ciência econômica tem uma estrutura e uma dinâmica totalmente independente da forma como a ciência representa-o em seus modelos. Cabe à teoria, portanto, oferecer uma reprodução ideal do movimento real do objeto, de modo que ela reconstitua adequadamente o objeto de análise. O propósito da economia científica é o de apreender a essência do objeto, sua estrutura e dinâmica. Partindo-se da aparência, o método de pesquisa marxiano visa a alcançar a essência do objeto. O conceito não é apenas pensado, ele é constatado na realidade, depois é pensado. Conceitos reais cumprem diferentes funções e podem ser percebidos de diferentes formas de acordo com o papel social e o ponto de vista científico.

A metafísica marxiana tem contrapartidas no método e na *ontologia*. Quanto ao método, ela sustenta que os conceitos – que ele chama de categorias econômicas – são expressões teóricas, abstrações das relações sociais. Em especial, no que tange à ontologia, são abstrações das relações de produção, tidas como as mais importantes, pois são elas que determinam todas as outras relações em sociedade. As relações de produção de qualquer sociedade constituem um todo. Conforme defende Netto (2011), a sociedade é uma totalidade concreta¹⁰. Portanto, o modo pelo qual a sociedade produz a riqueza material condiciona o conjunto de relações no interior de uma totalidade complexa. A distribuição, a troca e o consumo são outras relações, outros elementos dessa mesma totalidade, da mesma unidade, subordinados à produção.

Marx se vê como continuação necessária da doutrina de Smith e Ricardo. Ele não pensa que trata a economia metafisicamente (no sentido positivista de metafísica como pura especulação), porque ele está muito preso à pretensão de estar fazendo ciência autêntica e não metafísica. Mas, toda ciência carrega consigo uma metafísica (no sentido não positivista) e a questão consiste em entender a peculiaridade de cada sistema de pensamento e as conexões entre tradições que o configuram.

¹⁰ “A sociedade é uma totalidade concreta. Não é um ‘todo’ constituído por ‘partes’ funcionalmente integradas. Antes, é uma totalidade concreta inclusiva e macroscópica, de máxima complexidade, constituída por totalidades de menor complexidade. Nenhuma dessas totalidades é ‘simples’ – o que as distingue é o seu grau de complexidade, um complexo constituído por complexos” (NETTO, 2011, p. 55-56).

Outro aspecto que subsidia o entendimento da ideia de ciência econômica em Marx deve ser abordado: o uso que faz do sistema filosófico de Hegel. Certamente, o principal legado desse filósofo para a contribuição marxiana na economia científica foi o emprego por Marx da *lógica dialética*. Tal lógica difere da lógica clássica. Oliveira (1992, p. 33) aponta para os três princípios que regem esta última: “Os sistemas da lógica clássica se caracterizam pela observância de três princípios básicos. O primeiro deles é o da identidade, o segundo desses princípios é o chamado princípio da não contradição, o terceiro princípio é chamado de terceiro excluído”.

A lógica é uma linguagem e podemos construir e propor outro tipo de lógica que viola qualquer um desses princípios. Violando um princípio da lógica clássica, a lógica dialética aceita a contradição a fim de apreender o sentido do movimento (FAUSTO, 1983, p. 47- 48). Tal lógica opera nos conceitos dicotômicos de *pressuposição* e *posição*. A sequência de manifestação destas posições permite acompanhar o movimento como uma forma contraditória.

Durante sua gênese, A não é e é ao mesmo tempo, ou, dizendo de outra forma, A é pressuposto; após sua gênese, em oposição, A é, ou seja, ele está posto. Chegamos aqui a um ponto importante para entender o que se segue: o ser em devir deve ser expresso de uma forma contraditória, deve ser pressuposto. Nesse sentido, conforme observa Fausto, pressuposição e posição retomam as ideias de ato e potência aristotélicas. (OLIVEIRA, 1992, p. 39).

A contradição dialética trata-se de uma tentativa de adequar o discurso a um objeto intrinsecamente contraditório: “A contradição dialética não deve ser entendida como um puro formalismo, mas sim como uma tentativa de adequar o discurso ao objeto – a contradição do discurso só é válida se ela reflete uma contradição no objeto mesmo” (OLIVEIRA, 1992, p. 98).

Mas o uso da dialética hegeliana em Marx não significa que ele tenha aceitado a *ontologia* de Hegel. Pelo contrário, um dos aspectos centrais do pensamento de Marx reside no fato de ele ter substituído o idealismo hegeliano pelo materialismo. Assim, a dialética subsiste em Marx como lógica e como representação de uma realidade dada, não como a crença em uma realidade construída de ideias. Marx escreve na introdução do *Grundrisse* que não se deve conceber “[...] o real como resultado do pensamento que sintetiza-se em si, aprofunda-se em si e movimenta-se a partir de si mesmo” (MARX, 2011, p. 55).

Se a análise científica deve ascender do abstrato ao concreto, tal caminho é: “Somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como um concreto mental. Mas de forma alguma é o processo de gênese do próprio concreto” (MARX, 2011, p. 55-56).

A realidade contraditória, a “contradição no objeto mesmo” não é constituída pela lógica dialética, pois a sociedade, no esquema de Marx, é sempre um pressuposto: também no método teórico o sujeito, a sociedade, tem de estar “continuamente presente” como pressuposto da representação (MARX, 2011, p. 55).

Apenas o uso da dialética hegeliana tem implicações na análise de Marx; e não a ontologia idealista de Hegel. Por isso, é aceitável o ponto de vista de Schumpeter quando ele afirma que a filosofia hegeliana não afeta o núcleo da análise de Marx, ainda fundamentalmente do tipo ricardiano. Para o autor, Marx não permitiu que “[...] sua análise fosse influenciada pela filosofia hegeliana. Mas, às vezes, ele usa termos em seu sentido especificamente hegeliano, e um leitor que os leva em seu sentido usual pode perder o significado de Marx [...]” (SCHUMPETER, 2006, p. 370). Além disso, comenta que no prefácio da 2ª edição do primeiro volume de *O Capital*, Marx nos diz

[...] que, como filósofo, fora um hegeliano; que ele nunca perdeu a preferência inicial para a filosofia de Hegel; e que o que ele considera crítica superficial dela só serviu para fortalecer o seu gosto por flertar com ela; mas que ele nunca se permitiu ser guiado por ela em sua pesquisa positiva para os fatos da sociedade capitalista. [...] O hegelianismo de sua exposição não é mais que uma forma que podemos descartar em todos os casos sem afetar o conteúdo de seu argumento. (SCHUMPETER, 2006, p. 390).

Podemos, de fato, descartar o hegelianismo em Marx como um pressuposto ontológico de seu esquema filosófico. Mas não se pode subtrair da teoria de Marx a dialética como lógica de argumentação. O ponto central, entretanto, é que a compreensão de Marx não deve se dar apenas estudando a lógica dialética. É preciso entender a ciência de Marx (ou o amálgama que configura sua ciência) como uma extensão da economia clássica, com novas preocupações e considerações de outra ordem que explicariam suas particularidades.

6 O paradigma de ciência adotado por Marx

Qual o tipo de ciência que Marx incorporou como paradigma do trabalho científico em geral e no campo das ciências sociais e da economia política

em particular? Marx claramente tinha uma concepção unificada das ciências, um modelo geral do que seja fazer ciência e que valeria para todas as áreas de atuação. Em especial, ele admirava o progresso das ciências naturais. O encanto em Marx, exercido pelas ciências naturais, estendia-se à admiração que nutria pela ciência inglesa, incluindo, também, a escola de economia política clássica. Não obstante, antes de aceitar fazer ciência como um inglês, Marx não se desvencilhou de sua herança alemã e procurou amalgamar os dois estilos de ciência em uma combinação peculiar que iria, sem dúvida, gerar problemas na sua aceitação pela comunidade científica do ocidente (BENSAÏD, 1999, p. 283-284).

O que seria essa ciência alemã? É algo difícil de definir, entretanto, percebe-se que tal estilo de ciência estava mais interessado em complexas questões filosóficas postas de lado pela ciência inglesa: “Na noção de “ciência alemã” atua, ao contrário, o encontro entre a representação, aparentemente arcaica, de uma ciência ainda imbricada com a filosofia e a antecipação de uma ciência nova, que teria superado a **Krise** das ciências europeias” (BENSAÏD, 1999, p. 284).

Poderíamos afirmar que a ciência alemã é uma ciência que pensa, pensa filosoficamente. Isso a torna imune aos pressupostos epistemológicos, algo ingênuos, dos ocidentais contemporâneos; por outro lado, a ciência pensante alemã torna-se menos fiável: “Admite-se doravante que a ciência pensa e, por conseguinte, que ela pensa com palavras. Na falta de um sistema de signos unívocos e transparentes que avalie as discordâncias do sentido, essas palavras não são fiáveis. São, na verdade, menos fiáveis do que nunca” (BENSAÏD, 1999, p. 285).

Marx ficou preso, mas não emparedado, nesta armadilha, entre a admiração pela ciência inglesa e a herança alemã. Ele tentou conciliar tudo isso, ser ao mesmo tempo científico e crítico. Marx traduziu essa tensão em criatividade metafórica, ou seja, seu estilo literário já carrega essa marca:

A criatividade metafórica de Marx manifesta a necessidade de um conhecimento simultaneamente analítico e sintético, científico e crítico, teórico e prático. Ora concisa, ora sutil, ela exprime tanto a desconfiança para com uma linguagem formalizada quanto o pesar por sua falta. (BENSAÏD, 1999, p. 286).

Marx leu e releu a economia política clássica de britânicos e franceses. Nela, ele descobriu um objeto: o capital. O objeto já existia na medida em

que desde os fisiocratas, com seu conceito de adiantamento, o capital estava lá como a chave da produção capitalista, mas seguramente em Marx esse capital adquire outra conotação. Mais do que uma dentre outras categorias analíticas da economia científica, ele passou a ser visto como o motor mesmo de todo o processo de produção capitalista. Não apenas o motor, mas o condutor. É da influência alemã que subsiste em Marx a ideia filosófica da dicotomia entre essência e aparência. Isso estava em Aristóteles, mas no Filósofo esses polos da realidade não se comunicavam muito bem entre si, enquanto que em Marx, sob influência de Hegel, a polaridade passou a ser tida como expressão de um movimento. Tal tipo de consideração descreve sumariamente a natureza de uma ciência alemã *Wissenschaft*, em oposição ao conceito normal de ciência dos ingleses. Em diversas correspondências, Marx reconheceu a dívida para com a ciência alemã. Sob a orientação dela, ele acreditou ter desvendado o que considerava a conexão essencial subjacente aos fenômenos. Contudo, segundo Bensaïd (1999), ele jamais desprezara o estilo de pensar dos ingleses; na pior avaliação, tal estilo seria uma etapa apenas preliminar, mas necessária, da construção do conhecimento: “A economia enquanto ciência no sentido alemão do termo [**im deutschen Sinn**] está por ser feita [...]. Numa obra como a minha, a composição, as múltiplas conexões constituem um triunfo da ciência alemã [**deutschen Wissenschaft**]”¹¹.

Marx aceitou a ciência ocidental, mas pensava o objeto da economia científica por outra racionalidade, ampliada em relação à primeira. Acreditava que o conhecimento poderia se tornar mais crítico de si mesmo, e reflexivo. A técnica dos grandes economistas ingleses ainda não tinha apreendido a *totalidade* (BENSAÏD, 1999, p. 292). A ciência inglesa é mais segura, no entanto, mais modesta. Marx acreditou ter rompido com a filosofia, e que tal ruptura tenha lhe garantido a objetividade do conhecimento. O resultado prático deste tipo de ciência não se pode deixar de admirar; mesmo assim, no padrão pretensioso da ciência alemã há mais a ser investigado, já que ambiciona um saber absoluto e não apenas uma ciência universal.

11 Esse fragmento foi obtido compondo duas cartas escritas por Marx, em novembro de 1858 e em fevereiro de 1866, conforme indicado por Bensaïd (1999, p. 288).

Marx prende-se a uma metafísica totalmente estranha aos economistas clássicos que o antecederam. Entretanto, mesmo que Marx tenha aderido a uma nova metafísica, não decorre necessariamente que, a partir daí, ele tenha adotado um novo método em relação aos demais economistas clássicos. Diferentes metafísicas podem conviver com o mesmo método. Nota-se que o problema está justamente aí: Marx não recusa o método inglês, mas acredita poder combiná-lo com a herança da ciência alemã; significa que, em muitos aspectos, o ponto de vista metodológico de Marx ainda pode ser o mesmo dos outros clássicos, embora com correções de objeto e nova metafísica. O fato é que se poderia suspeitar que Marx estivesse tentado salvar o método da economia política clássica, mesmo ao propor novo objeto. Aliás, é esse ponto, a troca de objeto vinculada a uma nova metafísica, que deve ser enfatizado, essa é a crítica de Marx aos clássicos.

Contudo, isso não implica que Marx, ao fazer a crítica da economia política, tenha constituído um novo *programa de pesquisa*. Acreditamos que Marx não ofereça, de fato, um novo programa acabado, mas que teria tentado, isto sim, salvar o programa clássico, ou melhor, fazê-lo avançar enxertando nele a metafísica da ciência alemã. É diferente quando se coloca a questão dessa outra forma. Tal hipótese constitui a tese central do presente ensaio: precisar a ideia de ciência em Marx não como algo que tenha saído apenas do seu esforço criativo, mas como a solução de uma tensão entre matrizes científicas conflitantes.

Em verdade, mesmo a metafísica de Marx não deve ser creditada apenas à matriz alemã. Sem dúvida, a influência hegeliana foi enorme; contudo, algumas intuições fundamentais no esquema metafísico de Marx vieram da tradição fornecida por Adam Smith. O método de Marx, derivado dessa influência alemã, dar-lhe-ia condições de abordar a problemática econômica de uma maneira peculiar. O estilo de Marx, e da filosofia alemã, não era o de negar uma tradição e propor outra, mas o de penetrar nela procurando entendê-la a partir de seus próprios termos e identificar contradições e limites na teoria em questão. Trata-se de uma crítica internalista ou, como veio a tornar-se conhecida, uma crítica imanente. Tal crítica pressupõe, entretanto, a aceitação do que se pretende criticar, o domínio e conhecimento completo dela e até certa fusão de novas inclinações com o legado anterior (DESAI, 2003, p. 80).

7 Os ditames da ciência pura confrontando-se com crenças políticas

A ideia de se investigar a concepção de ciência em Marx pressupõe que ele tenha se autoimposto a tarefa de fazer ciência social e não um mero proselitismo em prol de uma causa política. Marx, de fato, tinha muita fé na ciência, embora se possa dizer: na sua ciência. O trabalho teórico ocupou boa parte de suas iniciativas, de seus esforços e até de sua saúde. Mas Marx nunca deixou de agir fora do mundo dos livros e de seus escritos. Atuava nos movimentos organizados de pressão política, contudo, priorizou o trabalho de cientista social. A razão disso? Porque acreditava na ciência, cria que demonstrar cientificamente a perversidade do capitalismo aplanaria o caminho na direção da destruição do sistema.

Nesse sentido, vale a pena transcrevermos uma passagem do livro de Desai que comenta o famoso Problema da Transformação:

Agora que a raiz do capitalismo tinha sido identificada como a exploração dos trabalhadores, a tarefa de mudar o mundo, de destruir o sistema capitalista, era a mais fácil. Mas se a resposta encontrada por Marx estivesse errada, também o estaria qualquer programa para mudar o capitalismo que nela se baseasse. Para os marxistas de uma certa tendência filosófica, uma solução correta para o Problema da Transformação estava associada à destruição do capitalismo. Pode parecer exagero, mas uma atração do marxismo foi sempre a sua base científica. Dizia-se que Marx tinha “provado” que o capitalismo se baseava na exploração do trabalho pelo capital, e essa “prova” fazia com que os marxistas acreditassem ainda mais firmemente na sua causa. (DESAI, 2003, p. 87).

Por que foi tão importante para Marx a solução desta e de outras questões eminentemente teóricas? Porque Marx achava que a compreensão teórica iria fortalecer a causa do comunismo. Portanto, a ideia de ciência em Marx torna-se fundamental para a compreensão do significado de sua contribuição e da fé que ele depositou nela como mecanismo de impulsão de ações na esfera da política.

Uma avaliação preliminar importante é saber se Marx, movido por espírito verdadeiramente científico, estaria disposto a alcançar resultados que contrariassem sua expectativa da derrocada do capitalismo. É evidente que a questão dos valores não pode ser descartada do trabalho do cientista (não apenas no campo das ciências sociais); no entanto, devem-se separar algumas coisas. O Marx cientista não se confunde com o Marx político. Alguns de seus

escritos são panfletários, é verdade. Contudo, sua obra máxima, *O Capital*, é que deveria ser considerada a expressão científica mais acabada de seu trabalho. Perguntamos agora: *O Capital* só faz previsões pessimistas e catastróficas do capitalismo? Certamente que não. Como era tradicional entre os economistas clássicos, Marx asseverou a queda na taxa de lucro e a consequente perda de dinamismo do capitalismo em função disso. Cabe aqui prestarmos atenção aos comentários de Desai a respeito do tomo dois da obra:

Depois da morte de Marx, Engels publicou em 1885 o segundo volume de **O Capital**, extraído das notas de Marx, e parecia que a mesma teoria podia ser usada para ilustrar um período de expansão capitalista muito longo e sustentado, sem crises. O que provocou uma terrível controvérsia. O terceiro volume, publicado em 1894, mencionava a tendência para a queda da taxa de lucro, favorecendo os intérpretes apocalípticos. Qual seria, então, o futuro do capitalismo? Poderia esse sistema sustentar-se a despeito da sua natureza predatória? Poderia escapar da punição mediante certos recursos sutis – as colônias, por exemplo – que rejuvenescem o sistema enfermo? (DESAI, 2003, p. 63).

Nota-se que, então, nesse segundo volume, Marx teoriza um sistema econômico que se expande por um longo período sem crises. É claro que isso representou um golpe duro aos seus seguidores e que contrariava expectativas associadas à sua causa política. Com efeito, tal constatação só reforça a crença de que um Marx cientista isento imperava sobre suas inclinações políticas.

É evidente que esse prognóstico teórico de que o capitalismo ainda viveria por longo tempo não agradou aos revolucionários marxistas da época. Porém, é exatamente essa a conclusão que se extrai do segundo volume de *O Capital* (DESAI, 2003, p. 102). De fato, podem-se encontrar diversas interpretações do significado da teoria contida nessa obra que apontam não para um modelo catastrófico, mas para uma antecipação da notável dinâmica que o capitalismo conheceu no século XX. Veja-se, por exemplo, os modelos de capitalismo perpétuo, como na análise formal do economista de Cambridge Richard Goodwin, lembrada por Desai (2003, p. 97).

8 A obra de Marx como arte literária

Na avaliação do legado de Marx, não se deve olvidar a dimensão eminentemente literária de sua contribuição. Além de pretender fazer ciência, Marx legou à humanidade alguns clássicos da literatura, conforme exemplifica sua obra maior *O Capital*. O próprio Marx tinha consciência do aspecto artístico

dos seus escritos. Isso aparece em algumas passagens; por exemplo, em uma carta em que se desculpa pela demora da entrega da versão final da referida obra (WHEEN, 2001, p. 279). O Francis Wheen é muito contundente a respeito dessa necessidade de se interpretar a obra de Marx também como uma contribuição literária. Ele comenta o estilo de escrever de Marx e diz que, diferentemente do estilo metafórico de *O Capital*, Marx também sabia escrever de uma forma mais direta, porém evitou fazê-lo em sua obra maior, e de modo intencional. Wheen argumenta que o entendimento do estilo literário de Marx e de algumas metáforas que ele emprega remete a fontes de inspiração que ele procurou na literatura da época, principalmente a inglesa. O biógrafo mostra, de modo convincente, que há muito do estilo de Charles Dickens na maneira de Marx escrever:

No Museu Britânico, Marx havia descoberto um manancial de dados sobre a prática capitalista – registros oficiais do governo, tabelas estatísticas, relatórios de inspetores de fábricas e funcionários da saúde pública –, os quais usou com o mesmo efeito saturador com que Engels os utilizara em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Mas sua outra fonte principal costuma ser menos notada, foi a ficção literária... Deixando de lado os números censitários, Marx voltou-se para um discurso feito por Bill Sykes no banco dos réus, em *Oliver Twist*, de Dickens. (WHEEN, 2001, p. 283).

Wheen (2001) assevera que o estilo metafórico de Marx é proposital e visa a alcançar um efeito. Marx quer nos impressionar com a descrição que faz do capital e de como o trabalhador é por ele explorado. Ao lado de uma proposta de fazer ciência (que deve ser levada a sério), Marx oferece um quase romance literário e espera que essa literatura alcance e sensibilize seu público alvo. Marx não descreve com suficiente extensão a metodologia que utiliza¹², mas isso faz parte do problema de conciliar as duas matrizes de pensamento a que ele se vincula. Marx é irônico, isso é fato, mas sua ironia não anula a pretensão de rigor científico dentro de uma ideia de ciência.

Outro aspecto a ser considerado na obra *O Capital* (e em outros escritos de Marx) é o fato de ele escrever em alemão. Bensaïd responsabiliza o idioma alemão e suas incertezas intrínsecas como sendo o responsável pela ausência de maior clareza nas definições de conceitos: “A escrita de Marx debate-se efetivamente com as incertezas da língua” (BENSAÏD, 1999, p. 286). É na

¹² Marx nunca escrevera um livro específico sobre a temática da metodologia econômica.

riqueza de combinações de efeitos que reside o encanto da obra de Marx. A herança da filosofia alemã, a escrita irônica, as sutilezas da língua alemã, as metáforas que visam a produzir um efeito; tudo isso tem de ser analisado cuidadosamente. Para a recuperação do legado de Marx, cabe depurar o conteúdo científico de sua obra, dentro de uma concepção sintética de ciência, tendo-se em conta seu fantástico e muito particular estilo: “Qualquer que seja o defeito que possam ter, meus escritos têm a vantagem de constituir um **todo artístico**” (BENSAÏD, 1999, p. 286)¹³.

9 Clareza de exposição em Marx

Embora bastante literário e carregado de metáforas, os escritos de Marx atendem ao padrão de clareza e de objetividade requeridos em tratados científicos. Comenta-se, a título de ilustração, a celeuma em torno da temática do valor. Alguns críticos argumentam que não fica claro se o fundamento do valor é mesmo o trabalho abstrato. Alegam: se isso está bem estabelecido no volume primeiro de *O Capital*, aparentemente o volume terceiro o contradiz ao afirmar que o que determinam os preços finais de mercado não são os valores em trabalho abstrato, mas os preços de produção. A presumida falta de clareza de exposição teria feito alguns críticos o tacharem de contraditório¹⁴. Neste ponto, é importante separarmos problemas de compreensão e de interpretação da obra de Marx, gerados por falta de clareza, de dificuldades de leitura associadas à complexidade da exposição com relação ao método e à lógica do raciocínio. De fato, a solução do chamado Problema da Transformação (relação dos valores com os preços de produção) é muito complexa, e quase barroca, tal como exposta no volume terceiro. Seria, então, uma deficiência na exposição de Marx? Mesmo que seja, isso não impede que essa deficiência possa ser sanada pelo próprio intérprete, que ele mesmo preencha alguma lacuna na exposição, no sentido de reestabelecer a clareza e o rigor da ideia. É isso o que tem sido feito pelos melhores intérpretes da contribuição de Marx. Sobre propostas de solução do Problema da Transformação, mais técnicas do que as que se encontram no próprio Marx, porém em inteira sintonia com ele, Desai (2003, p. 91) argumenta:

13 Carta de Marx a Engels datada de 31 de julho de 1865, citada em Bensaïd (1999).

14 Frisamos que Marx aceita a contrariedade dialética, mas não a contradição lógica no sentido usual. Pretendemos demonstrar aqui que a exposição marxiana não é contraditória neste último sentido.

Em 1907, o estatístico alemão Ladislaus von Bortkiewicz contribuiu com uma primeira solução [do Problema da Transformação, usando análise de insumo-produto]. A partir de então as soluções se multiplicaram, assim como novas objeções ao modo como Marx equacionou e resolveu o problema.

Sem dúvida aparecem problemas lógicos em Marx, alguns de difícil solução, mas isso não invalida a pretensão científica da obra de Marx. Citando o mesmo Desai, ele lembra a dificuldade de sustentar-se a teoria de Marx acerca de que a fonte do lucro é a exploração e a redução de todos os valores e inclusive dos itens de bens de capital a valores expressos em conteúdo de trabalho, problemas que têm sido apontados pelos críticos como a “pá de cal” da economia marxiana. Desai (2003, p. 91) reconhece que o argumento marxiano enfrenta “dificuldades lógicas” (não intransponíveis); porém, lembra que aceitar que os lucros provenham da exploração não implica aceitar que os preços sejam proporcionais aos valores em trabalho.

A teoria dos ciclos econômicos de Marx também tem sido apontada como sendo confusa e inconsistente; no entanto, alguns trabalhos posteriores, e outros até recentes, a têm reabilitado¹⁵. Os modelos de ciclo desenvolvidos nos volumes primeiro e segundo de *O Capital* podem ser interpretados como um modelo coerente de crescimento constante com ciclos no primeiro volume (ciclos girando em torno de uma taxa de crescimento constante) e sem ciclos no volume subsequente (DESAI, 2003, p. 103).

10 Testabilidade empírica e ausência de falseacionismo na ciência marxiana

O papel do teste empírico no constructo teórico de Marx é mais bem compreendido se voltarmos a questões metodológicas já abordadas – articulando-as à ontologia em questão. Vimos que teoria em Marx define-se com um conjunto de abstrações. Tais abstrações começam com a observação de um concreto aparentemente caótico. Mas, depois de provisoriamente elaborada, a teoria deve retornar ao concreto. E, nesse momento, pode-se conceber, experimentalmente, um lugar para a testabilidade empírica na metodologia marxiana. Marx assevera que cabe à teoria econômica identificar leis sociais.

¹⁵ Desai (2003, p. 91) cita o trabalho de Richard Goodwin em que se emprega uma “formulação matemática avançada”, com equações diferenciadas para traduzir as ideias de Marx em modelo consistente de ciclos.

E, como se percebe nos demais economistas clássicos, tais leis não o são no sentido da física, com suas leis fixas e imutáveis, mas envolvem, no caso, uma *tendência histórica* determinada, que pode se contrapor a outras tendências. Além disso, as leis identificadas na teoria marxiana são leis específicas de certo período histórico. E todo “[...] período histórico tem suas próprias leis [...], válidas dentro de limites históricos” (MARX, 1968, p. 733).

Conforme a quase totalidade dos economistas clássicos, Marx acreditava que a ciência econômica, caso fosse bem orientada, produziria um conhecimento necessariamente verdadeiro. Portanto, a antiga ideia aristotélica de ciência como verdade também foi aceita por ele, mas dentro de um conjunto bem específico de considerações a respeito. Sem dúvida, assim como Mill, Marx era um *verificacionista*. Para aquele, a teoria sempre tem uma instância de verificação de sua verdade. Como nos demais clássicos, a veracidade da teoria em Marx *é assegurada com base nos cuidados que se deve ter em dois momentos: o da eleição dos supostos adequados e o da verificação da validade do esquema teórico por algum procedimento de teste empírico*.

A resposta de Mill a essas duas instâncias é bem conhecida: os supostos teóricos são validados com apelos ao poder misterioso da introspecção; e a testabilidade, que pode ser feita por experimentos controlados, verifica a aplicação do constructo teórico ao caso. Se as causas fundamentais forem devidamente consideradas, as conclusões teóricas sempre corresponderão às observações. Em Marx é diferente: os supostos são validados por um igualmente misterioso poder da apreensão da essência com base em um estudo sistemático. Já a verificação pode se dar tanto por experimentos controlados quanto pela observação dos fenômenos sociais no longo prazo. Parece que esse segundo caminho é o principal: Marx enfatizara a “prática social e histórica”, mais do que os experimentos controlados, como o critério de teste mais frequente na economia científica.

Vejam, um pouco mais, acerca da primeira instância de validação da teoria. O esquema lembra o velho caminho científico apontado pelo “Estagirita”: a observação metódica e sistemática irá revelar a verdade. Mas, se Aristóteles falava do olhar intelectual, do *nous*, como fonte do saber científico, pensando nas ciências naturais; Marx lançou a ideia do sujeito ativo na busca do conhecimento social. O cientista deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e

imaginação para apreender a essência do fenômeno social, sua estrutura e a sua dinâmica.

No momento da abstração, da construção puramente teórica, Marx acreditava que sua teoria teria validade pelo ativismo do sujeito investigador. Recomendou que o sujeito tem

[...] de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão que há entre elas [...]. Só depois de concluído este trabalho [de investigação] é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada. (MARX, 1968, p. 16).

Nesse processo, os instrumentos e também as técnicas de pesquisa são os mais variados, desde a análise documental até as formas mais diversas de observação, recolhimento de dados e quantificação. Esses instrumentos e técnicas são meios de que se vale o pesquisador para apoderar-se da essência. Na sua criação, a construção teórica marxiana consiste em identificar conceitos simples:

Parece ser correto começarmos pelo real e pelo concreto, pelo pressuposto efetivo [...] [Mas a observação da totalidade oferece apenas uma] representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais precisa, chegaria analiticamente a conceitos cada vez mais simples, do concreto representado [chegaria] a conceitos abstratos [**Abstrakta**] cada vez mais finos, até que tivesse chegado às determinações mais simples. (MARX, 2011, p. 54).

Com efeito, depois de alcançar aquelas determinações abstratas mais simples, tem-se de voltar a fazer a viagem de modo inverso, indo do abstrato em direção ao concreto. Mas, desta vez, o concreto aparece não como uma representação caótica de um todo, mas como uma rica totalidade de determinações e relações diversas. É esta viagem de volta o que caracteriza o segundo momento de validação teórica apontado pelo método marxiano de elaboração científica. Marx o chama de “método cientificamente correto”. “Daí teria de dar início à viagem de retorno até que finalmente chegasse de novo à [...] [totalidade], mas desta vez não como a representação caótica de um todo, mas como uma rica totalidade de muitas determinações e relações” (MARX, 2011, p. 54).

Nesse âmbito, vale a pena citarmos a famosa passagem dos *Grundrisse* em que se escreve:

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como o ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. Na primeira via, a representação plena foi volatilizada em uma determinação abstrata; na segunda, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto por meio do pensamento. (MARX, 2011, p. 54).

O concreto que se pode observar é apenas um concreto idealizado. Portanto, em ciência social, torna-se metodologicamente necessária a busca de uma determinação mais precisa da realidade, que é alcançada por meio da análise. Com ela, chega-se a conceitos cada vez mais simples; do concreto idealizado, passa-se a abstrações cada vez mais tênues até atingirem-se determinações mais simples. Determinações são traços pertinentes aos elementos constitutivos da realidade, do objeto. Portanto, começa-se pelo real e pelo concreto, que aparecem como dados; depois, pela análise, elementos são abstraídos e, progressivamente, com o avanço da análise, chega-se a conceitos, a abstrações que remetem a determinações simples. Contudo, depois de alcançarem-se as determinações simples, tem-se de voltar a fazer a viagem de modo inverso: do abstrato de volta ao concreto. É nesse momento em que a *empíria* ocupa um papel fundamental no esquema de Marx.

O conhecimento teórico é o conhecimento do concreto, que constitui a realidade, mas que não se oferece imediatamente ao pensamento: deve ser reproduzido pela abstração e depois testado na viagem inversa do abstrato ao concreto. O concreto, a que chega o pensamento científico, é um produto do pensamento. Apenas na viagem de volta tal produto ideal é testado em face do concreto. O método implica, pois, para Marx, que um momento de testabilidade diante do “concreto ordenado” se suceda ao momento prévio de extração de múltiplas determinações do “concreto caótico”. Embora não necessariamente os dois momentos tenham de seguir uma ordem temporal rígida. Assim, com tudo o que foi dito, sustenta-se a posição de Schumpeter, que à sua época já considerava o sistema teórico marxiano passível de testabilidade empírica. Destacamos o que ele escrevera em uma passagem: “Marx pensa o mundo empírico de acordo com os métodos de análise empírica; portanto, suas proposições [...], quando empíricas, possuem o significado empírico usual” (SCHUMPETER, 2006, p. 364).

Entretanto, filósofos da ciência adeptos da metodologia da ciência de Karl Popper apontam deficiência na contribuição de Marx em razão de o seu sistema teórico, presumidamente, não se submeter a experimentos potencialmente refutadores.

Uma objeção bem mais sofisticada ao livro [O Capital], levantada pelo filósofo Karl Popper, é que não se pode dizer se Marx escreveu disparates ou não, porque suas “leis férreas” do desenvolvimento capitalista não passam de profecias históricas incondicionais, tão vagas e escorregadias quanto as quadras de Nostradamus. Ao contrário das hipóteses propriamente científicas, não se pode comprová-las nem tampouco – o que constitui o teste popperiano crucial – falseá-las. (WHEEN, 2001, p. 279).

A resposta a essa crítica é fornecida por Wheen (2001, p. 279):

Na verdade, seria fácil submeter as afirmações econômicas de Marx a um experimento semelhante, estudando o que aconteceu na prática nos últimos cem anos, aproximadamente. À medida que o capitalismo amadurecesse, previu ele, veríamos recessões periódicas, uma dependência crescente da tecnologia e o crescimento de empresas imensas, quase monopolistas, que espalhariam seus tentáculos pegajosos pelo mundo inteiro, em busca de novos mercados para explorar. Se nada disso houvesse acontecido, seríamos obrigados a concordar em que o velho estava dizendo bobagens. Mas os ciclos de progresso/colapso das economias ocidentais no século XX, assim como a dominação mundial da Microsoft de Bill Gates, sugerem outra coisa.

Também Desai acredita que empiricamente a teoria de Marx tem se saído muito bem. Ele cita, por exemplo, experimentos que corroboram a teoria do valor-trabalho:

Se calcularmos os valores do trabalho usando tabelas de insumo-produção e os compararmos com os preços de uma lista representativa de produtos, esses preços não são proporcionais aos valores, mas a divergência entre preço e valor é muito pequena, caminhando exatamente na direção prevista por Marx. Esse resultado empírico importante foi definido em primeiro lugar pelo professor Answar Shaikh da New School of Social Research de Nova York. Ele examinou tabelas de insumo-produção para a Itália (1959 e 1967) e os Estados Unidos (1947 e 1963) e levantou a correlação de valores e preços em um ponto no tempo e ao longo de dois períodos. Com vinte e cinco e oitenta e três setores, as correlações eram notavelmente altas e estáveis. Em 1987 esses resultados foram confirmados por Petrovic com relação a dados da Iugoslávia. (DESAI, 2001, p. 91).

Desai (2001) acrescenta que experimentos têm comprovado que a relação entre valores e preços é estável ao longo do tempo e que, em relação a esse

ponto fundamental e tão criticado da doutrina econômica de Marx (e dos clássicos), os resultados empíricos os têm confirmado. Desai argumenta que muita coisa na ciência econômica de Marx poderia ser refutada no sentido popperiano, e que a semelhança com as profecias de Nostradamus é apenas uma questão de estilo, mais do que de conteúdo.

Ao contrário do que se imagina, Marx aceita o modelo *hard* de ciência defendido metodologicamente por Popper (o modelo científico por excelência). O ponto em questão é que Marx busca complementá-lo com uma concepção particular de ciência permeada da tradição alemã de ciência imbricada em filosofia, a qual procura, mais especificamente, examinar e conhecer a totalidade e sua relação com a singularidade. “Uma leitura atenta teria pelo menos revelado uma dupla tentação: a de um modelo científico que o atrai, logo contrariado pela tentação de um saber da totalidade e da singularidade” (BENSAÏD, 1999, p. 288).

Bensaïd (1999) reconhece que, na acepção atual da ciência (se ficarmos em Popper), o que Marx faz não é propriamente essa ciência (não segue a sua racionalidade, mas outra); na verdade, trata-se de alguma outra concepção de ciência. Ora, se não se está disposto a aceitar esse enfoque mais *soft* ou mais filosófico da ciência, por que continuar insistindo em Marx? Simplesmente porque Marx explica muita coisa, não só explica como faz previsões. Ele, por exemplo, explica muito do que estamos vivendo nos dias atuais de globalização e de triunfo do capitalismo. Diz-se que, hoje, esse radical alemão é leitura obrigatória em *Wall Street* e na *City* de Londres. São justamente os que se preocupam em desvendar a dinâmica e as leis do capitalismo que se voltam atualmente para o legado de Marx. Por outro lado, há pessoas que se perguntam se, com a queda do muro de Berlim e com o colapso da experiência do chamado socialismo real, a mensagem e as profecias de Marx não teriam sido refutadas. A resposta é não: a persistência da experiência capitalista apenas confirma os prognósticos de Marx.

“Marx foi um astrônomo da história, não foi um astrólogo” (DESAI, 2003, p. 24). É principalmente do livro *O Capital* que devemos apreender a essência de sua contribuição à economia como ciência, visto que nessa obra não há nada sobre o comunismo; pelo contrário, viceja uma análise detalhada do funcionamento do capitalismo, uma “radiografia” de suas relações ocultas (pelo menos no entendimento de Marx). Como astrônomo da economia, e

não como seu astrólogo, Marx não poderia ter feito previsões detalhadas sobre o que viria depois.

I I Considerações finais: síntese da ideia de ciência em Marx

A noção de ciência de Marx certamente está permeada de valores normativos; mas, qual ciência não se encontra imersa em valores? A ideia de ciência em Marx deve ser investigada sem se aderir a um modelo preestabelecido de racionalidade e sem ficar apenas contrastando Marx com uma noção antiga, ingênua e positivista, de ciência. Identificar sua metafísica à luz de outros sistemas de explicação econômica, inclusive os que vieram a prevalecer sobre o dele no seio da academia, afigura-se mais importante do que simplesmente contrastá-lo com o modelo *hard* de ciência.

O propósito geral deste ensaio foi o de entender a ideia de ciência em Karl Marx da perspectiva filosófica, a qual procura ver sua ciência não uma criação “do nada”, mas a solução de um conjunto de influências, as quais Marx acreditou estar harmonizando, entre si, em seu sistema de ideias, sem romper com nenhuma de suas matrizes formadoras, mas sim procurando conciliá-las.

Em suma, a ideia de ciência marxiana sustenta que a economia política deva ser uma ciência abstrata e analítica, mas que também remeta aos fatos, aos dados históricos, que seja testável empiricamente, inclusive falseável. E que seja, ainda, uma ciência que pense filosoficamente, não se contente com meras aparências, reconheça seu substrato metafísico, e que deva possuir, também, uma dimensão estética e literária. Uma ideia de ciência ao mesmo tempo britânica e alemã, de ciência rigorosa, mas imbricada com filosofia, uma ciência que pense com as palavras, mesmo que o significado dela não seja tão preciso. Uma ciência rica de criatividade metafórica, um conhecimento simultaneamente analítico e sintético, científico e crítico, teórico e prático, conciso e sutil.

Referências

ATTALI, J. **Karl Marx ou o Espírito do Mundo**. São Paulo: Rio de Janeiro Record, 2007.

BENSAÏD, D. **Marx, o intempestivo**: grandezas e misérias de uma aventura crítica (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BÖHM-BAWERK, E. **Capital and Interest: a critical history of economic theory.** New York: Kelly, 1957.

DESAI, M. **A Vingança de Marx: a ressurgência do capitalismo e a morte do socialismo estatal.** São Paulo: Códex, 2003.

ENGELS, F. **A Dialética da Natureza.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FAUSTO, R. **Marx: Lógica e Política.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

GIANNETTI, E. **O Mercado das Crenças: filosofia econômica e mudança social.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LOSURDO, D. **Hegel, Marx e a Tradição Liberal: liberdade, igualdade, estado.** São Paulo: UNESP, 1998.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política, Livro Primeiro.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. _____. São Paulo: Difel Difusão Editorial S.A., 1985.

_____. **O Capital: crítica da economia política, Livro Segundo: o processo de circulação do capital.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Grundrisse.** Rio de Janeiro: Boitempo, 2011.

_____.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas: 1945-1846.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MELLO, A. F. de. **Capitalismo e Mundialização em Marx.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

MILL, J. S. **Da definição de Economia Política e do método de investigação próprio a ela.** São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores).

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OLIVEIRA, R. G. de. **A Questão do Valor em Marx.** 1992. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalism, Socialism and Democracy.** London: Taylor & Francis e-Library, 2003.

_____. **History of Economic Analysis.** London: Taylor & Francis e-Library, 2006.

TEIXEIRA, A. Marx e a economia política: a crítica como conceito. **Econômica**, v. 2, n. 4, p. 85-109, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistaeconomica/v2n2/5-aloisio.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

WHEEN, F. **Karl Marx**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Recebido em: 05.03.2015

Aceito em: 05.03.2015

The conception of science in Karl Marx

Abstract

The paper examines the particular conception of science in Marx. For this, it begins by identifying the theoretical frameworks that most influenced the gestation of his ideas: classical political economy and German legacy. Next, we make up what would be his particular conception of science, understood as a proposal to amalgamate these two legacies. It is evaluated then the scientific character of the Marxian contribution, which it reaffirms him as positive science. Thus, we examine the reasons that separate the Marxian tradition and the current economy mainstream, by showing that the peculiar nature of a science of German roots contributed for the present state.

Keywords: Karl Marx. Methodology. German tradition of science. Definition of science.